

“A terra é de *Yahweh*, e tudo que nela habita”: sionismo cristão e teologia bíblica no conflito Israel-Palestina

*“The earth is *Yahweh*’s, and all who dwell in it”: Christian Zionism and Biblical Theology in the Israel-Palestine conflict*

Wallace Góis¹

Resumo: Impassível aos efeitos da ocupação militar israelense sobre as vidas palestinas, o sionismo cristão emerge entre teologias exclusivistas e antissemitismos, cria um Deus à imagem do colonialismo, apropria-se do judaísmo e determina a história de Israel pela escatologia dispensacionalista. Mas, em Romanos, Paulo, o apóstolo dos gentios, enaltece as raízes hebraicas da fé cristã e avista o povo de Deus para além das fronteiras de Judá. Naim Ateek, em sua teologia da libertação, relembra a premissa bíblica da “justiça, e somente a justiça” para reafirmar a responsabilidade e a dignidade humana diante do divino a quem pertence a terra. Trazer Deus novamente ao centro do debate é um convite a repensar a natureza divina, pois a maneira como a concebemos determina também nosso olhar sobre “toda a terra e tudo que nela habita”.

Palavras-chave: Sionismo Cristão; Israel-Palestina; teologia bíblica; justiça; teologia da libertação.

Abstract: Impassible to the effects of Israeli military occupation on Palestinian territories and lives, Christian Zionism emerges amid exclusivist theologies and forms of antisemitism, creating a God in the image of colonialism, appropriating Judaism, and determining Israel’s history through dispensationalist eschatology. Yet in Romans, Paul – the apostle to the Gentiles – emphasize the Hebrew roots of the Christian faith while envisions the people of God beyond the borders of Judah. In his theology of liberation, Naim Ateek recalls the biblical premise of “justice, and only justice,” to reaffirm human responsibility and dignity before the divine, to whom the land belongs. Bringing God back to the center of the debate is a call to rethink the divine nature, for the way we conceive of God shapes also our vision of “the whole earth and all who dwell in it”.

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da Religião e bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Licenciado em Filosofia e Pós-graduado em Filosofia Política e Teoria do Direito. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3698-6855>.

Keywords: Christian Zionism; Israel-Palestine; biblical theology; justice; liberation theology.

“Enquanto as leis do país continuarem a não seguir as leis da Torá, o Messias do qual ouvimos nitidamente os passos continuará aguardando à porta. Não entrará em nossa casa” – *A caixa-preta*, Amos Oz.

1. *Nenhuma outra terra. Quem está Sem chão? Cenas e problemáticas introdutórias*

Amos Oz, escritor israelense, defendia como solução a coexistência de dois estados soberanos na Terra Santa. Afinal, a obra-base do movimento que fundou em Israel o *Der Judenstaat* (1896), é “Estado *dos judeus*” e não “Estado judeu”, como se convencionava traduzir a obra de Theodor Herzl (1860-1904).² Para Oz, um estado, assim como um carro, não pode ser judeu. Pessoas podem ser judias. Mas o estado é mera ferramenta, um meio, um veículo, que pode ser “bom, ruim, podre ou fedido”.³ A ideia era que o povo judeu, como qualquer outro, tinha o direito de ser maioria em um pequeno território, e um Estado representando o povo judeu e seus cidadãos não-judeus. A realidade, contudo, é totalmente outra.

O documentário ganhador do Oscar, de autoria palestino-israelense, *No Other Land* (2024) – “Nenhuma outra terra” –, captura a “contínua limpeza étnica” operada nas vilas de Masafer Yatta, Cisjordânia, um microcosmo da “ocupação militar sionista”⁴, desde 1967.⁵ A censura do governo de Israel e suas acusações de antissemitismo e difamação não silenciaram as imagens brutais de soldados, *settlers*⁶ armados e tratores expulsando, intimidando e agredindo a população.

Mesmo em territórios palestinos, Masafer Yatta é uma “Área C”, controlada em tudo pelo Exército de Israel. Nos anos 1980, foi declarada “zona de tiro”, para treinamento militar,⁷ tornando a comunidade alvo de demolições sumárias, tiros,

² OZ, Amos. *Antes de Israel, pairava uma nuvem de dor e insegurança*. [Entrevista por] Sarah Judith Hofmann. Deutsche Welle (DW), 19/04/2018. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/antes-de-israel-pairava-uma-nuvem-de-dor-e-inseguranca/a-43443177>. Acesso em 18 maio 2025

³ OZ, 2018.

⁴ Usaremos inicial maiúscula em Sionismo (movimento político-religioso judaico), diferindo-o do sionismo cristão.

⁵ TURFAH, M. “*No Other Land*” for Whom? Notebook, MUBI, 11/02/2025. Disponível em <https://mubi.com/en/notebook/posts/no-other-land-for-whom>. Acesso: 29/03/2025.

⁶ *Settlers* ou “colonos” são colonizadores israelenses, geralmente extremistas e fundamentalistas. Com acesso facilitado a armas de fogo, intimidam a população palestina na disputa por territórios. Há, também, terrorismo, como no incêndio, em Duma, que vitimou o bebê Ali Dawabsheh e seus pais, em 2015.

⁷ TURFAH, 2025.

prisões, repressões. Sempre com a justificativa genérica de “razões de segurança”, no entanto, a óbvia ambição territorial de Israel fora confessada por Ariel Sharon, então ministro da Defesa, em julho de 1981: “interesse em expandir e ampliar as zonas de tiro”, de “manter em nossas mãos essas áreas tão vitais”.⁸

Os jovens protagonistas Yuval Abraham e Basel Adra, explicitam realidades drasticamente desiguais. Yuval, um israelense politizado e solidário, terá limites para compreender o outro lado do muro, pois sempre terá privilégio e liberdade ao voltar para casa, mas, ter consciência às vezes o condena a um não-lugar: traidor em Israel, opressor entre palestinos. O palestino Basel, formado em direito e forçado ao ativismo, vê-se impotente sob o domínio de outro país, que sequer o considera humano. Resta resistir, com ou sem esperança. A pergunta se um dia finalmente haverá coexistência justa e pacífica contrasta com a imagética do discurso colonial de territórios vazios e monótonos. O título em português tenta traduzir o sentimento de palestinas e palestinos (e de quem o assiste): *Sem chão*. Entretanto, parece-nos, sugere uma condição ontológica de um desterro inerente.

Há dez anos,⁹ assisti *in loco* um pouco do drama da “Terra Santa”: injustiças e violências explícitas, restrições arbitrárias, segregações, tensão, direitos negados. Num dia de descanso, no hotel luterano de Jerusalém, um peregrino australiano à mesa do café lembrava muito o “Sr. Fredericksen” – o velhinho da animação *UP!*, da Disney-Pixar, que amarra balões coloridos à própria casa, cheia de lembranças de sua amada, e voa para um paraíso na América do Sul.¹⁰ Mais simpático que sua versão em desenho, contava orgulhoso ser de um movimento

⁸ TURFAH, 2025 (as citações de língua estrangeira são de tradução nossa).

⁹ Participação, entre julho e outubro de 2015, no *Ecumenical Accompaniment Programme in Palestine and Israel* do Conselho Mundial de Igrejas e agências internacionais parceiras (WORLD COUNCIL OF CHURCHES. *Ecumenical Accompaniment Programme in Palestine and Israel*. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/what-we-do/eappi>. Acesso em: 04/07/2025). Desde 2002, o EAPPI atende ao chamado de lideranças cristãs da Terra Santa: “venham e vejam”, não só as pedras e ruínas sagradas, mas as “pedras vivas” – as pessoas, inclusive a minoria cristã árabe-palestina, onde Cristo e o cristianismo nasceram. Cerca de 2.000 “acompanhantes ecumênicos” de vários países já participaram, apoiando iniciativas de justa paz, vivenciando a população local e as comunidades religiosas. A presença internacional dá visibilidade e diminui violações cotidianas: humilhações e abusos na travessia dos *checkpoints*, acesso a direitos básicos e lugares sagrados, etc.

¹⁰ *UP: altas aventuras*. Direção: Pete Docter. Roteiro: Bob Peterson. Produção: Jonas Rivera. Estados Unidos: Pixar Animation Studios; Walt Disney Pictures, 2009. 1 longa-metragem (96 min), son., color.

evangélico que ajuda judeus, de qualquer parte do mundo, a fazerem a “subida” ou *Aliyah*¹¹, antecipando a volta de Cristo.¹²

Num sábado de manhã, agricultores da vila de Qusra, Cisjordânia, removem pedras de uma área para plantar oliveiras, uma das principais fontes de subsistência. Não longe dali, na vilinha pastoril de Yanun¹³, diz-se que as azeitonas são as melhores, pois foram abençoadas pela passagem do menino Jesus, ainda no ventre de Maria, a caminho de Belém. Oliveiras podem viver por séculos e testemunhar eventos históricos, e assim simbolizam resiliência e resistência, além de alimento, saúde e energia.

O *Shabbat* judaico é o dia sagrado do descanso. Mas, a pausa para o lanche daqueles trabalhadores é interrompida por um jipe de colonos israelenses. Outros vêm à pé, armados de fuzis e cão de guarda. Com trajes característicos, parecem de algum *settlement*¹⁴ próximo.

Provocando e ameaçando, tentam tomar os dois tratores e sabotar o trabalho dos palestinos, que estava legalmente assegurado pela Autoridade Palestina e o Exército de Israel. Nossas armas? Uma câmera fotográfica e o colete do Conselho Mundial de Igrejas – que não é à prova de balas. Filmando com o celular, um colono tenta constranger nossa equipe de internacionais: “você são cristãos, são de igreja? Já leram na Bíblia sobre o povo escolhido e a terra de Israel?”, e sugere que defendemos *um lado* sem ouvir *a verdade* (dos *settlers*). Numa resposta rápida e tensionada pela situação, ressalta-se o propósito do programa: observar o cotidiano das comunidades e as violações de direitos, compreendendo que a

¹¹ Aliyah (אֲלִיָּה) é a migração de judeus para a Palestina. O “ato de subir” em direção à cidade santa de Jerusalém (e desde 1948 para o Estado de Israel) é fundamental para o Sionismo, pois reivindica e ocupa a terra. Em 1950, o parlamento israelense aprovou a Lei do Retorno, que concede às pessoas judias da diáspora, incluindo filhos e netos, o direito de se mudar para Israel e adquirir cidadania, fortalecendo a segregação e a identidade do Estado Judeu.

¹² Uma iniciativa que exemplifica esta ação é a da *International Christian Embassy Jerusalem* (<https://icejusa.org/aliyah/>) com sede nos Estados Unidos.

¹³ Yanun é um vilarejo rural e tradicional, de 90 habitantes. É um dos microcosmos da vida sob ocupação militar e da expansão dos assentamentos israelenses. Veja-se relato *in loco*:

GÓIS, W. “Yanoun pelo EA Wallace”. *EAPPI Brasil*, 8 set. 2015. Disponível em: <https://eappibrasil.wordpress.com/2015/09/08/yanoun-pelo-ea-wallace/>. Acesso em: 4 jul. 2026.

¹⁴ *Settlements* são bairros israelenses de assentamento e colonização nos territórios palestinos. A existência deles viola o direito internacional e é crime de guerra frente ao Tribunal Penal Internacional. Segundo o UNHRC, cerca de 700 mil colonos vivem nos 144 assentamentos ilegais espalhados pela Cisjordânia e Jerusalém Oriental. A maioria dos assentamentos surge de 1970 a 1990, mas a população colonizadora multiplicou nos últimos vinte anos. Israel legitima e promove a expansão dos assentamentos, e assegura serviços básicos como energia, água, internet, proteção militar. Como condomínios fechados, separam cidades palestinas, alteram e interditam estradas, desapropriam terras e casas, impactam o desenvolvimento.

UNHRC. “Israeli settlements in the Occupied Palestinian Territory, including East Jerusalem, and in the occupied Syrian Golan: report of the United Nations High Commissioner for Human Rights”. Geneva: *United Nations*, 15 Mar. 2023. 19 p. (A/HRC/52/76). Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/4008132?v=pdf>. Acesso: 04/07/2026.

Bíblia e Jesus afirmam o amor de Deus por toda a humanidade. Como se nota, não há segurança ou previsibilidade para dialogar ou visitar assentamentos ilegais. Todavia, organizações civis israelenses e judaicas¹⁵ comprometidas com a paz e os direitos humanos estavam sempre à disposição.

Enquanto isso, soldados descem da torre de vigia israelense próxima e formam uma barreira de proteção para os *settlers*. Um dos colonos grita uma ofensa em árabe contra o Profeta Mohammed, iniciando um confronto, enquanto mais palestinos, inclusive meninos, chegam. Os militares disparam bombas de efeito moral, tiros e gás lacrimogêneo. Precisamos sair dali, e uma ambulância nos deu algo para aliviar os efeitos do gás na garganta, nos olhos e na respiração. Com a visão embaçada e perplexa, observávamos à distância os palestinos protestando com pedras contra armas de fogo. Vez por outra, alguém deacordado ou ferido era carregado para fora do confronto. O trabalho foi interrompido mais um dia.

2. Genealogia do sionismo (cristão): colonização e apropriação

A pergunta do *settler* em Qusra não foi trivial; é conhecida a simpatia sionista nos cristianismos. Paul Freston elencou cinco tipos ideais de “sionismo cristão”.¹⁶ O tipo *profético* quer ver cumpridas as profecias bíblicas e insere os judeus no centro da escatologia, com uma identificação religiosa e ativismo político (e apocalíptico). O tipo *humanista* sente empatia pelo sofrimento histórico do povo judeu, inclusive pelo Holocausto, e Israel é o refúgio do povo perseguido. Já o tipo *civilizacional* se identifica culturalmente com Israel – um bastião da civilização ocidental – mais em virtude do contexto social do que pela fé pessoal. O tipo *analógico* associa a história dos EUA à dos antigos israelitas, em afinidade com o Israel moderno. Por fim, o tipo *islamofóbico* vê no Islã uma ameaça à civilização e o Estado Judeu como aliado estratégico do Ocidente.

Variantes dessa doutrina, aponta Amesty R. em *El sionismo político-religioso en América Latina*, influenciam igrejas no continente e confundem judaísmo bíblico com a Israel atual.¹⁷ Esse “filossemitismo”¹⁸ se materializa no uso de símbolos como a *menorá*, o *kipá*, a Estrela de Davi, o *shofar*.¹⁹ É comum ouvir que 1948 foi o reflorescer do Israel bíblico, profetizado há milênios, fazendo ignorar, omitir ou

¹⁵ *Breaking the Silence*, B'Tselém, sinagoga Kol Haneshama, Rabbis for Human Rights e outras.

¹⁶ FRESTON, 2020b *apud* MACHADO, M.D.C; MARIZ, C.L.; CARRANZA, B. “Genealogia do sionismo evangélico no Brasil”. *Religião & Sociedade*, v. 42, n. 2, p. 225-248, 05/2022.

¹⁷ AMESTY R., J. A. . *El sionismo político-religioso en América Latina*. Agencia Latinoamericana de Información - ALAI, 20/05/2021. Disponível em <https://www.alainet.org/es/articulo/212335>. Acesso: 16/01/2024.

¹⁸ *Filossemitismo*: amor, admiração e idealização do povo judeu e sua cultura, e pode ser visto como uma variação do antissemitismo.

¹⁹ AMESTY R., 2021.

chancelar injustiças contra a terra e o povo palestinos.²⁰ Esse *restauracionismo* reivindica a exclusividade do Estado Judeu sobre a Palestina, repetindo à Israel moderna passagens do Antigo Testamento e ecoando o fanatismo ultraortodoxo da extrema-direita israelense que coloniza a Cisjordânia e ameaça a existência palestina – e de quaisquer planos de paz e coexistência.²¹

A romantização moderna de Israel e do “judeu” carrega a culpa pelo antissemitismo e sua mais perversa manifestação na Europa cristã. Explica Ussama Makdisi:

A ideia sionista europeia do século 19 de implantar e manter um estado nacionalista exclusivamente judeu na Palestina multirreligiosa foi uma resposta ao antissemitismo racial europeu. [...] Após o holocausto nazista [...], o filossionismo²² ocidental foi fortemente reforçado por um sentimento de culpa e empatia pela ideia de um Estado judeu. Agora, o filossionismo está em pleno curso para abraçar o genocídio em Gaza em nome da defesa desse Estado judeu.²³

Makdisi lembra, ainda, que o Estado atual, “este Israel moderno, não é o Israel da história bíblica, aquele povo escolhido que [...] herdou o nome de Israel após lutar com Deus para conquistar seu coração”.²⁴

Um artigo recente no *Haaretz*²⁵, alusivo ao Dia da Independência israelense, ecoa estudos arqueológicos que diferem “judeus” de “Israel”. Na redação bíblica final, *Yehudah* (Judá) é uma das “Doze Tribos”, filhos de Jacó. Quando Jacó virou Israel, sua descendência se tornou “filhos de Israel”. Historicamente, no entanto, a menção mais antiga a “Israel” encontra-se numa estela egípcia, de 1200 a.C.,

²⁰ Há, contudo, sionistas cristãos que reconhecem os limites e perigos de certas interpretações da Bíblia e da teologia sionista. Creem estarem vendo se cumprir parcialmente as profecias escatológicas, mas aconselham não confundir o conhecimento dos fatos sobre Israel com a capacidade de dominar os planos divinos para o futuro, incluindo a certeza de que a Israel atual é sua última e definitiva versão. Gerald R. McDermott (2016), fala da urgência de um “novo sionismo cristão”, que, inclusive, “deve saber distinguir judeus individuais da Israel institucional e nunca deve dar carta branca à conduta de Israel”.

²¹ CLARK, V. *Allies for Armageddon: The Rise of Christian Zionism*. New Haven; London: Yale University Press, 2007. p. 5.

²² *Filossionismo* é empregado como apoio total e acrítico à ideologia político-religiosa do colonialismo sionista e ao Estado moderno de Israel.

²³ MAKDISI, U. *O amor do Ocidente por Israel apaga a verdadeira história do Oriente Médio*. Jacobina, 14/12/2023. Disponível em <https://jacobin.com.br/2023/12/o-amor-do-ocidente-por-israel-apaga-a-verdadeira-historia-do-orientes-medio/>. Acesso: 17/01/2024.

²⁴ AMESTY R., 2021.

²⁵ ADLER, Y. *When did Jews begin calling themselves Israel?* Haaretz, Archaeology, 30/04/2025. Disponível em <https://www.haaretz.com/archaeology/2025-04-30/ty-article/when-did-jews-begin-calling-themselves-israel/00000196-853a-d22a-a3de-b53e117d0000>. Acesso: 03/05/2025.

mas sem relação provável com as referências posteriores do texto bíblico, associadas ao Reino do Norte ou Samaria.

Destruido pelos assírios em 722 a.C. “Israel” desaparece dos registros, enquanto “Judá” e *yehudim* (judaítas), continuariam em uso, sobrevivendo à queda de Judá sob a Babilônia em 586 a.C. Só após a revolta dos Macabeus, no período hasmoneu, já no século 2 a.C., os judeus se autodenominariam “Israel”, adotando a Torá e a tradição bíblica como unificadores da identidade judaica.²⁶ Esse é o judaísmo do Novo Testamento, onde nascem Jesus e o cristianismo.

Muita gente hoje interpreta palavras escritas no Mediterrâneo do século 10 a.C. ao 2 d.C., como acontecimentos do nosso *presente* e *futuro*, inclusive do Ocidente, escreve Victoria Clark.²⁷ Cenário propício para crer que “um novo êxodo mundial” está restaurando judeus à Palestina histórica, após dois milênios de exílio. Não foi sempre assim, embora, do século 3 ao 19, protossionismos dessem sinais entre cristãos, ainda que vistos como suspeitos, “judaizantes”, “costumes estranhos”. Houve grupos puritanos que preferiam o Antigo Testamento e admiravam mais o hebraico do que a língua dos Evangelhos e Epístolas. Buscavam orientação para a vida diária em livros como Juízes e Reis, batizavam crianças não com nomes de santos cristãos, mas de patriarcas e heróis hebreus, mudaram o culto dominical para o sábado judaico.²⁸

As tensões e aproximações entre cristianismo e judaísmo começam nas sinagogas do primeiro século, no interior das quais surgem as primeiras comunidades cristãs. Atravessam séculos: de peregrinações à Jerusalém, o surgimento do Islã, rotas comerciais, Cruzadas, antissemitismos, intolerâncias mútuas. Apoiar o estado de Israel como obediência à Bíblia era uma crença milenarista marginal na Inglaterra do início do século 17. Até que, à vista de Gn 12,3 – “abençoarei os que te abençoarem e aqueles que te amaldiçoarem, eu amaldiçoarei” – todo governante cristão na Europa faria bem em se apressar por ver a restauração de Jerusalém com ruas de ouro e portões de pérolas, pronta para a entrada triunfal do todo-poderoso Rei dos Judeus.

Em 1621, o rei James I ainda fazia troça do mais novo comentário bíblico puritano, *A Grande Restauração do Mundo*,²⁹ que chamava judeus e todas as nações e reinos da Terra à fé em Cristo, ante os acontecimentos do fim.³⁰ Em duzentas páginas de referências bíblicas selecionadas e cálculos engenhosos, o autor, até então anônimo, profetizava o período de 1650 a 1695 para a conversão do povo judeu que, cristianizado, retornaria à sua antiga terra, a Palestina, para

²⁶ ADLER, 2025.

²⁷ CLARK, 2007. p. 5.

²⁸ ICE, T. *Sir Henry Finch: early Christian Zionist – Tom's perspectives*. [s. d]. Pre-Trib Research Center. Disponível em <https://www.pre-trib.org/pretribfiles/pdfs/Ice-SirHenryFinchEarlyChristianZionist.pdf>. Acesso: 03/05/2025.

²⁹ ICE, [s. d].

³⁰ CLARK, 2007, p. 27.

transformá-la no reino mais poderoso da cristandade. Essa leitura pouco ortodoxa implicava mudanças geopolíticas que, no limite, diminuía o monarca “divinamente nomeado” para reformar o cristianismo no mundo. Por isso soou anátema aos ouvidos do Rei James I e dos bispos de Westminster.

De 1590 até a Guerra Civil e o regicídio de Charles I, em 1649, a *Bíblia de Genebra*, versão inglesa mais comum, era editada pelo calvinista Teodoro de Beza (1519-1605). Se Calvino defendia um vínculo permanente dos cristãos com os antigos israelitas e uma continuidade entre AT e NT, seu amigo Beza insistia, em notas marginais explicativas à sua Bíblia, que “Israel” e “Sião”, sempre se referiam ao povo judeu em separado ou à sua pátria física, falando também da dívida dos gentios com aquela nação que não foi abandonada apesar de rejeitar o Cristo.³¹

Multiplicavam-se os entusiastas da interpretação de Henry Finch – finalmente creditado pela autoria de *A Grande Restauração* – devido à abolição da censura em 1641, e conforme a guerra civil entre Charles I e os puritanos tomava o país. Mais e mais panfletos de exegeses extravagantes concorriam com relatos sobre bruxas, milagres e crimes.³²

No contexto de fervor escatológico, pregadores puritanos independentes ganhavam seguidores a cada afirmação sensacionalista. Em 1650, Thomas Tany, um ourives londrino auto-circuncidado, proclamou ser judeu da tribo de Rubem e que conduziria os judeus ao Monte das Oliveiras, para se tornar seu rei. Outro sectário, John Robins, ofereceu-se para guiar os “144.000” judeus de volta à Palestina. A breve república, sob o *Lord* Oliver Cromwell, enfrentou oposição interna de militares e parlamentares mais judaizantes do que ele. Todavia, o que se pode chamar de sionismo cristão se delinaria doutrinariamente partir do inglês John Nelson Darby (1800-1882), cujo dispensacionalismo articulava futurismo teológico com ativismo político.³³

Donald M. Lewis, traçando uma genealogia do movimento, verá o pietismo alemão do século 18 renegar o antijudaísmo de Lutero e almejar converter os judeus.³⁴ Entre calvinistas ingleses, como na missão da *Sociedade Judaica de Londres* para evangelização do povo judeu, havia clara opção pela causa – ou um oportunismo imperialista e antissemita velado – diriam os críticos. Para evangélicos filossionistas, contudo, antissemitismo seria não pregar Jesus, o Messias, o único meio de salvação à comunidade judaica. Seja como for, havia

³¹ CLARK, 2007, p. 30.

³² CLARK, 2007, p. 34.

³³ O dispensacionalismo interpreta a Bíblia e a história em seis eras ou “dispensações”, de mil anos cada, e a sétima (e última) está prestes a se cumprir com a volta de Cristo e os acontecimentos apocalípticos relacionados. Os judeus ocuparem para a Terra Santa é uma das etapas prévias à Parousia.

³⁴ NEWBERG, E. “Donald M. Lewis. A Short History of Christian Zionism” [Review]. *Studies in Christian-Jewish Relations*, [s. l.], v. 17, n. 1, 2022.

um debate em curso sobre se tentar (ou não tentar) converter judeus moldava a identidade evangélica.

Nos EUA, a doutrina do *Destino Manifesto*³⁵ é pavimento ideológico do colonialismo inglês na América do Norte e do fundamentalismo cristão, e propiciou que um dispensacionalista como William Blackstone (1841-1935) fundasse a *Missão Hebraica de Chicago para Evangelização dos Judeus* e escrevendo o best-seller *Jesus está vindo*. Blackstone criou o mito fundador do filossionismo estadunidense, misturando a crença messiânica com seu mais profundo senso patriótico: o Estado norte-americano deveria desempenhar o papel que o rei persa Ciro teve na restauração dos antigos judaítas a Sião, pois Deus escolhera os puritanos por sua elevação moral.

Mesmo assim, os dispensacionalistas observavam ainda de longe os acontecimentos internacionais. De qualquer maneira, a Declaração Balfour foi saudada como sinal da iminência da volta de Cristo, já que “Israel é o relógio de Deus”, uma espécie de garantia tangível da confiabilidade da Bíblia e de que o fim está próximo. A aliança cristã-sionista, porém, ultrapassa expectativas futuras, que podem variar de uma confissão religiosa para outra. Antes de tudo, funda-se sobre a “crença de que o povo judeu estava destinado por Deus a ter uma pátria nacional na Palestina e que os cristãos tinham a obrigação de usar todos os meios para possibilitar que isso acontecesse”.³⁶ Alguns grupos chegam a cultivar novilhas vermelhas³⁷ (Nm 19) ou especular sobre plantar ou extrair

³⁵ Desde os tempos coloniais, o imaginário estadunidense associa sua história e orientação expansionista à narrativa bíblica dos hebreus como uma predestinação semelhante à dos israelitas bíblicos para levar o bem e a verdade ao mundo (Davidson, 2010). Essa noção permeia discursos políticos em todos os níveis, alimentando uma aliança ideológica entre as elites dos EUA com Israel (com seu projeto da “Grande Israel”). O sionismo evangélico vê ambos os países como nações divinamente eleitas. Essa mitologia é uma justificativa teopolítica para ações violentas, tal como o extermínio de indígenas, mexicanos, filipinos (Davidson, 2010, p. 168-9).

³⁶ LEWIS, D. M. *A Short History of Christian Zionism: From the Reformation to the Twenty-First Century*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2021. E-book.

³⁷ Por exemplo, o website de ativismo sionista cristão *Jerusalem Channel* celebra o desembarque em Israel de cinco novilhas vermelhas (*red heifers*) criadas no Texas (EUA), um evento considerado de enorme relevância profética por judeus ortodoxos e cristãos sionistas. De acordo com a prescrição bíblica, as cinzas de uma novilha inteiramente vermelha e livre de defeitos como brincos de identificação e pelos de outras cores garantiriam o ritual de purificação necessário para restabelecer os serviços do Terceiro Templo em Jerusalém. O misticismo e a cooperação inter-religiosa por trás do transporte dos animais, associando o cumprimento deste requisito zootécnico às expectativas messiânicas e à iminência da reconstrução do Templo. (THE MIRACULOUS return of the red heifer. *Jerusalem Channel*, 2022. Disponível em: <https://jerusalemchannel.tv/the-miraculous-return-of-the-red-heifer/>. Acesso em: 04/07/2025). De acordo com o próprio *Jerusalem Channel* “é um ministério de mídia com a visão de compartilhar o Evangelho de Jerusalém até os confins da terra. Por meio de vídeos, notícias e *insights*, [...] traz para você as últimas informações sobre eventos na Terra Santa e notícias globais com uma perspectiva judaico-cristã”.

cedros no Líbano³⁸ (Is 9,10) para suprir um Terceiro Templo vindouro, projetado para ser erguido no lugar das mesquitas de Al Aqsa e Domo da Rocha, que já sofreram tentativas terroristas de judeus.

Como movimento organizado, o sionismo cristão tem maior representação nos EUA, mas cresce mundo afora, ao lado do negacionismo ao direito à existência do povo palestino, inclusive se de tradição cristã e de protestantes. Igualmente, há setores democráticos ou progressistas que temem ser acusados de antissemitas, e os que guardam reminiscências colonialistas e preconceitos contra o mundo árabe, islâmico e asiático em geral.³⁹

A idealização de Israel é reforçada pela experiência de cristãos que podem pagar para visitar a Terra Santa e retornam aos seus países em êxtase por verem a prosperidade, infraestrutura, padrão de vida, indústria agrária etc., desconhecendo os custos humanos e socioambientais, que afetam primeiro a população palestina. Peregrinos sentem a “presença de Deus” só de pisarem o chão da história bíblica – que é também onde já se inicia o drama escatológico. O contraste entre o poderio tecnológico-militar israelense e a pobreza entre nações árabes é vista como sinal da maldição sobre os inimigos históricos do povo eleito. O bem-estar e os privilégios de Israel provêm do favoritismo divino, por um lado, e da combinação de liberalismo econômico com conservadorismo político-religioso, de outro. E será assim, dizem, até que o Cristo – outrora ignorado pelos judeus – se manifeste, e uma porção “remanescente” finalmente aceite a fé messiânica e se salve da condenação eterna.

³⁸ Há uma anedota sobre a invasão do Líbano, em 1982, de que madeiras de cedro teriam sido encontradas em um estoque em perfeito estado e trazidas para Israel, que as teria guardado para usar na construção do “Terceiro Templo”. De todo modo, a expansão ideológica da Grande Israel inclui o sul libanês, que também tem sua importância na geopolítica do Oriente Médio. Como não poderia deixar de ser, o plantio de árvores em e por Israel na região, após 1948, tem múltiplas intenções a depender dos atores envolvidos, desde reconfigurar a vegetação para eliminar vestígios da presença palestina anterior e garantir novas formas de exploração dos recursos naturais, até a ação de ambientalistas preocupados com as questões climáticas. Seja como for, tanto grupos de cristãos sionistas quanto de judeus ultraortodoxos têm plantado mudas e sementes de árvores, algumas vezes em clara provocação como a mídia israelense noticiou, por exemplo, sobre o movimento *Uri Tzafon* em 13/02/2026: “Right-wing activists cross into Lebanon to call to renew settlement; IDF detains suspects” (<https://www.jpost.com/israel-news/article-886561>); “Jewish activists hold tree-planting ceremony in Southern Lebanon” (<https://www.jns.org/israel-news/jewish-activists-hold-tree-planting-ceremony-in-southern-lebanon>)

³⁹ Protestantes na Palestina vivem entre a cruz e a espada. Conforme Grafton (2021, p. 324), muitas nações ocidentais apoiaram a criação do Estado de Israel. Desde então, diversas igrejas independentes no Ocidente veriam como dever cristão apoiar Israel. A mudança da embaixada dos EUA para Jerusalém em 2018, com apoio do pastor John Hagee, agravou o desafio para os protestantes palestinos, que frequentemente são confundidos com evangélicos ocidentais pró-Israel, sofrendo o que Peter Makari chamou de “culpa por associação”. Comunidades cristãs árabes são suspeitas por seus vínculos estrangeiros, mesmo as que recebem apoio de instituições ocidentais contrárias ao sionismo cristão.

Qualquer que seja, o apoio a Israel é bem-vindo para atores políticos e econômicos da sociedade israelense, como o próprio Netanyahu, que frequentemente fala em conferências cristãs e agradece pela amizade e apoio, e incentiva o turismo religioso (essencial para a economia e estratégico para a imagem de sacralidade e civilidade que Israel projeta à comunidade internacional).⁴⁰ Nos últimos anos, cresceram a islamofobia e os fundamentalismos políticos e religiosos em toda parte, e a rivalidade construída entre Oriente e Ocidente ressoa nos púlpitos eclesiais, parlamentos e palanques populistas como os de Trump, Bolsonaro e Milei, apoiadores de Netanyahu que também se beneficiam do apelo sionista mais radical.

As construções identitárias em torno de um direito legítimo às terras bíblicas são um debate de complexidade histórica e difícil solução pela ciência genética, ainda mais se retrocedermos aos tempos do AT. De toda forma, a interpretação sionista judaica e a pró-sionista cristã são determinantes para justificar religiosa e politicamente a colonização.

Assim, o sionismo cristão se constituiu uma teologia política, mesclando ideologia com religião: 1) sintetiza filossemitismo com islamofobia; 2) conecta passagens bíblicas de um passado distante com acontecimentos presentes; 3) evangélicos, judeus e simpatizantes se articulam em lobbys político-econômicos; 4) Jerusalém é afirmada a capital única e indivisível de Israel por países aliados.

3. O judaísmo não é o Sionismo

A filósofa judeu-cristã Simone Weil (1909-1943) testemunhou algumas fases do sonho sionista, conquanto não tenha vivido para ver o Estado Judeu. Mas, como uma profeta, em suas *Reflexões sobre as origens do hitlerismo*, uma crítica ao estado moderno (principalmente alemão e francês), Weil alertava que “todo povo que se torna uma nação ao se submeter a um Estado centralizado, burocrático e militarizado torna-se imediatamente – e por muito tempo – um flagelo para seus vizinhos e para o mundo”.⁴¹

Com outras palavras, Ilan Pappé⁴², um crítico da historiografia hegemônica de Israel, tem dito que, em verdade, o movimento euro-sionista se apropriou da tradição e da religião judaicas para forjar uma identidade nacionalista e mobilizar

⁴⁰ Veja-se notícia na página oficial do primeiro-ministro: GOV.IL. “PM Netanyahu Meets with Evangelical Community Leaders in Florida”. Jerusalém: *Prime Minister's Office*, 31 dez. 2025. Disponível em: <https://www.gov.il/en/pages/event-evangelists3112525>. 20/03/2026.

⁴¹ WEIL, S. *Quelques réflexions sur les origines de l'hitlérisme*. Paris: Books on Demand, 2019. e-Book Edition.

⁴² Ilan Pappé, judeu israelense, é professor de História na Universidade de Exeter, Reino Unido. Entre 1984 e 2007, lecionou Ciências Políticas na Universidade de Haifa, até ser perseguido por contestar a mitologia nacional e o *modus operandi* de Israel. Formado na Universidade Hebraica de Jerusalém e em Oxford.

seus interesses imperialistas. Em *Dez mitos sobre Israel* (2017),⁴³ elencou as principais narrativas colonizadoras do Sionismo, que, a partir de relatos parciais, distorcidos ou enviesados, pretenderia apagar a existência palestina de antes, durante e após a fundação de Israel. Em *A limpeza étnica da Palestina* (2006) falou de um planejamento sistemático de apagamento e expropriação da população árabe, muito antes de 48. Àquela altura, contudo, o movimento já contava com milícias sionistas que mais tarde integrariam o Exército de Israel. Daí sua conclusão de que, do modo como se deu, a criação do Estado sionista se tornou a principal fonte de instabilidade no Oriente Médio e sua ideologia é, historicamente, mais perigosa que o extremismo islâmico.

Na Terra Santa, o problema nunca foi estritamente religioso ou étnico entre judeus, árabes e palestinos/israelenses, diz Amesty R. A questão, parece-lhe, é a ideologia exclusivista, sob o ideal de “amor a Sião”, mas que instituiu uma geopolítica de “carrasco” e de dominador “implacável, terrorista e sanguinário”.⁴⁴

Hannah Arendt, em *Sionismo reconsiderado*, localiza a “infelicidade” do movimento não em 1967, mas antes da criação do Estado de Israel.⁴⁵ Como indica Marcossi, na trajetória sionista até a década de 1940, tanto “revisionistas” (de direita) quanto “*general zionists*” (trabalhistas) compartilhavam, se não métodos, pelo menos princípios. Veja-se, por exemplo, a resolução de 1944, unânime para judeus estadunidenses sionistas de esquerda e de direita, que exigia “uma comunidade livre, judaica e democrática” abrangendo toda a Palestina. Sem mencionar a população árabe, forçava-lhe a emigrar ou aceitar uma cidadania de segunda classe. Confirmada pelo Congresso Sionista Mundial em 1945, essa omissão marcou, para Arendt, a falência do projeto.

Na segunda metade do século 19, a Palestina, longe de ser um território vazio⁴⁶, tinha uma atividade agrícola intensa e integrava um mundo em modernização e nacionalização, nos moldes orientais. Embora comunidades judaicas vissem a região como sagrada e algumas acreditassem que em Sião se reuniria literalmente o povo judeu com a vinda do *Mashiach* (Messias), tão cedo não houve apelo político ou nacionalista. A minoria judaica palestina e os

⁴³ PAPPE, I. *Dez mitos sobre Israel*. Trad. Bruno Cobalchini Matos. Rio de Janeiro: Editora Tabla, 2017. e-Book Edition.

⁴⁴ AMESTY R, 2021.

⁴⁵ MARCOSSI, B.A. *Entre fantasmas, esperanças e crenças: a angústia do “sionismo de esquerda” no Brasil*. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRJ, Rio de Janeiro, 2018. p. 34 [nota de rodapé].

⁴⁶ O jornalista judeu Breno Altman (2024) comenta que àquela altura, “praticamente não existiam mais judeus na Palestina. Apenas 4% da população da Palestina no final do século 19 era de judeus. Como um outro povo há séculos ocupava aquela região, era uma terra com povo. Os árabes palestinos representavam 85% da população local”.

primeiros *kibutzim* de imigrantes tinham boa convivência com a população árabe.⁴⁷

Como vimos, antes do Sionismo organizado, o “retorno” judeu à Palestina era predominantemente um projeto cristão protestante.⁴⁸ Lord Shaftesbury (1801-1885), parlamentar britânico de tradição puritana, convenceu o ministro do Exterior e futuro premiê, Lord Palmerston, a apoiar a epopeia judaica – uma política que, sob verniz humanista e diplomático, visava transferir aquele “problema” geopolítico e reforçar a presença britânica nas terras bíblicas. O Império Otomano se enfraquecia, e Palmerston abraçou a causa, enquanto vendia-se a ideia de que assim se fortaleceria o império inglês.⁴⁹ Desde o início, o projeto cristão se entrelaçava com o antissemitismo, o imperialismo britânico e a teologia cristã, o que justificava a desconfiança de parte importante da comunidade judia diaspórica.

Contudo, o entusiasmo britânico pela relocação do povo judeu já era um prenúncio da tragédia palestina. Apesar de muitos clérigos⁵⁰ e igrejas apoiarem o povo palestino, os que defendiam a “causa judaica” detinham o poder. Um dos primeiros movimentos pré-Sionismo foi o do Templo Alemão Pietista, de origem luterana. Os religiosos alemães Christoph Hoffman e Georg David Hardegg fundaram a *Sociedade de Templar*, em 1861, para colonizar a Palestina com assentamentos. Apoiados pela corte prussiana e por teólogos ingleses, começaram ocupando Haifa, em 1866, trinta anos antes do movimento de Herzl. Foram importantes para os interesses britânicos, mas os templadores foram expulsos em 1948, legando, todavia, seu método de colonização.

Entre os cônsules britânicos em Jerusalém, James Finn (1806-1872) foi talvez o primeiro a conectar abertamente o “retorno” judeu a um provável deslocamento de famílias palestinas – relação que estaria no centro do projeto sionista no século seguinte.⁵¹ Ocupando o posto de 1845 a 1863, Finn trabalhou intensamente para estabelecer uma presença ocidental permanente em Jerusalém, organizando a compra de terras e imóveis para uso missionário, comercial e de órgãos governamentais. Historiadores israelenses posteriores o

⁴⁷ Antes do consenso pela Palestina histórica, outras terras foram especuladas: Patagônia (Argentina), Uganda, Congo, Madagascar, Canadá, Birobijan (URSS), Guiana Britânica, Port Davey (Tasmânia), Japão, e até uma ilha do rio Niágara (EUA), a ser denominada *Ararat* em referência à Arca de Noé. Mas, a Palestina, paradoxalmente, também serviria aos interesses antissemitas: conveniente aos colonialistas, mas longe o suficiente para que a Europa se livrasse do “problema judaico”.

⁴⁸ PAPPE, 2017.

⁴⁹ PAPPE, 2017.

⁵⁰ Entre eles estava George Francis Popham Blyth, clérigo da Igreja da Inglaterra que, com colegas anglicanos de altos cargos, desenvolveu forte empatia pelos anseios e direitos palestinos, fundando em 1887 o até hoje excelente St. George College, de ensino médio em Jerusalém Oriental (Pappe, 2017).

⁵¹ PAPPE, 2017.

enalteceram por apoiar a instalação de judeus nas terras ancestrais, e seu livro de memórias foi vertido para o hebraico. Finn detestava o Islã e os notáveis de Jerusalém, e jamais aprendeu árabe, preferindo se comunicar por intérprete com a população palestina. Na época, seu anseio protossionista foi muito beneficiado com a criação do bispado anglicano de Jerusalém (1841), conduzido por Michael Solomon Alexander, um convertido do judaísmo, e pela inauguração da Igreja de Cristo (1843), instituições que mais à frente defenderiam o direito palestino à autodeterminação.

Quando o judeu ateu Theodor Herzl, um dos fundadores do Sionismo, apresentou suas ideias que pretendiam solucionar a questão judaica na Europa, a relação com a Grã-Bretanha foi essencial. O movimento visava representar a vida cultural judaica e ser uma resposta política ao antissemitismo, nos moldes dos emergentes nacionalismos ocidentais. Como Herzl, os primeiros sionistas, influenciados pela *Haskalah* (iluminismo judaico), desejavam transformar o judaísmo em nação e reinterpretar a colonização da Palestina como um retorno à pátria ancestral. Enquanto isso, o *mufti* de Jerusalém, Amin al-Husayni (1895-1974), já percebia os impactos da imigração judaica na sociedade palestina e a ameaça à “santidade muçulmana” de Jerusalém. Conforme Pappe, a vitória britânica sobre os turcos em 1917 uniu Sionismo, milenarismo protestante e imperialismo britânico na ocupação da Palestina, o que resultou na desintegração do país e do povo palestino.

Coggiola⁵² traça a geologia sionista em paralelo com as transformações na conjuntura judaica na Europa. Nas últimas décadas do século 19, impulsionado por teóricos como Gobineau e partidos cristãos antijudaicos na Alemanha e na Rússia czarista, o antissemitismo tinha uma retórica científica e racial. Enquanto o liberalismo ocidental garantia direitos civis aos judeus, no Leste Europeu seguiam-se as restrições à moradia, à participação econômica e civil, e os *pogroms* (massacres) eram sistemáticos.

Surpreendia que o ideal sionista foi mais bem acolhido entre comunidades empobrecidas do Império Russo e da Galícia. Pouca gente tinha o *Estado judeu* (1895), de Herzl – ou “Estados dos judeus”, como prefere Amos Oz –, mas a ampla transmissão oral de suas ideias dava à obra ares messiânicos, misteriosos e místicos. Em 1897, o Congresso Sionista reuniu delegados do mundo todo e instituiu o *Programa de Basileia*, reivindicando “uma pátria judaica juridicamente garantida na Palestina”. Esse momento cristalizou o Sionismo como nacionalismo de “revitalização” do povo judeu, combinando mitos bíblicos, projetos de lei e colonização da Terra Santa.

Uma estratégia sionista foi colaborar com o imperialismo britânico, explorando rivalidades coloniais, negociando mandatos, e as instituições de

⁵² COGGIOLA, O. *A gênese do sionismo*. A Terra é Redonda, 01/12/2023. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/a-genese-do-sionismo/>. Acesso: 19/06/2024.

poder como os paramilitares da *Haganah* sob supervisão britânica, reclinando-se no aparato militar e administrativo do mandatário para consolidar seus próprios intentos. A compra de terras e criação de enclaves judaicos na Palestina foi feita sem consultas ou garantias aos habitantes de então, gerando exclusão, tensões e conflitos desde as primeiras ondas de migração.

A criação de um sindicato (*Histadrut*), do Fundo Nacional Judaico (ONG que compra terras e encoraja a colonização judaica), a organização de escolas e serviços de saúde próprios formavam um Estado paralelo, mas desde já antecipando uma lógica de segregação. Mesmo que o iluminismo judaico e o socialismo promovessem ideais de igualdade, as estruturas sionistas privilegiariam europeus “ocidentais” em detrimento até de judeus orientais e das populações locais. Segundo Ilan Pappé, sionistas seculares, socialistas ou ortodoxos usaram premissas religiosas e culturais para legitimar a colonização, militarização, ocupação e limpeza étnica.⁵³ O sagrado – no texto, no imaginário ou na prática – foi instrumentalizado, tanto mais após 1967, ainda sob sionistas trabalhistas.

Para o pastor luterano e teólogo palestino Mitri Raheb, a Guerra de 1967, de Israel contra Egito, Síria e Jordânia, foi um marco na região, pois resultou na ocupação militar de toda a Palestina (Cisjordânia e Faixa de Gaza), além do Sinai (Egito) e das Colinas de Golan (Síria). A derrota do líder egípcio Gamal Abdel Nasser (1918-1970) frustrou os regimes e ideologias políticas crescentes da época. No lugar ficaram os fundamentalismos religiosos como o nacionalismo judeu, o sionismo cristão e o radicalismo islâmico, que ameaçam também as comunidades cristãs locais.⁵⁴

Em todos os tempos, as ideologias de Sião se movem mais ao político do que propriamente ao religioso, se bem que há ateus professando um direito divino sobre a Palestina. De todo modo, 1948 foi um marco para as divergências sobre o sionismo entre as correntes judaicas. Inicialmente, os reformistas não queriam um Estado judaico na Palestina, e os judeus liberais preferiam se integrar aos

⁵³ A estratégia adotada pelo sionismo progressista em relação ao povo palestino não é muito diferente da empregada pelo sionismo de direita: a começar pela *Nakba*, a tragédia de 1948, que resultou na expulsão de 750 mil palestinos e palestinianas. Figuras como Ben-Gurion, Golda Meir, Moshe Sharett, Yitzhak Rabin e Shimon Peres, já teriam implementado metodologias de limpeza étnica e expansão colonial. Israel, que inicialmente recebeu 53% na partilha da Palestina de 1947, aumentou sua proporção para 79% após a Guerra Árabe-Israelense de 1959. Ou seja, entre maio de 1948 e março de 1959, Israel se expandiu 50%. Foi também durante um governo trabalhista que ocorreu a guerra de 1967, em que Israel passou a controlar militarmente toda a Palestina. Somente anos depois os governos de direita, que permanecem até hoje, se consolidariam, culminando na atual coalisão ultradireitista de Netanyahu, que segue aprofundando e sistematizando políticas imperialistas de anexação, segregação e expulsão da população, contando com apoio de religiosos ultraortodoxos.

⁵⁴ RAHEB, M. “Israel, Palestine and Jordan”. In: RAHEB, M.; LAMPORT, M. A. (ed.). *The Rowman & Littlefield handbook of Christianity in the Middle East*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2021. p 502.

lugares onde já viviam, e a partir daí combaterem o preconceito e construir sociedades liberais. Parte de ambos os grupos mudaria de posição após a primeira concretização do projeto sionista, enquanto alguns setores do socialismo judaico seguiriam criticando a ideologia e a invenção de Israel, situando-o nas amplas “maquinações do projeto colonial”.⁵⁵ Certos grupos religiosos, além de rechaçarem a mistura com a política secular, consideraram a criação de Israel uma tentativa de usurpar a ação exclusiva do *Mashiach*, de unir o povo de Deus.

Makdisi vê na velha retórica de que a Palestina era “uma terra sem povo para um povo sem terra” a tentativa de desapossá-la de qualquer defesa, neutralizar esforços de preservar suas terras, vidas e tradições, de fazer de seus atos violências injustificadas. Essa perspectiva desvincula a ação palestina de sua própria história e experiência, reduzindo-a a um efeito colateral no grande drama eurocêntrico cujos atores significativos são os nazistas, as vítimas judias inocentes e seus salvadores estadunidenses e aliados.⁵⁶

Por isso, convém recordar que palestinos e palestinianas

têm um fardo a mais para carregar, pois foram oprimidos pela vítima arquetípica da consciência ocidental eurocêntrica moderna. O fato de serem as “vítimas das vítimas”, como disse Edward Said, torna quase Sísifo a luta anticolonial dos palestinos. Descontextualizada e des-historicizada, a resistência palestina contra o Estado de Israel também é vista, sentida e pressentida como uma terrível reencarnação de um passado antissemita demoníaco.⁵⁷

É assim que Israel assume a posição simultânea de vítima e de herói, autorizando-se a retaliar o ato de terror do Hamas, em 7 de outubro de 2023, com um massacre continuado da população civil (mulheres e crianças) de Gaza, destruindo toda sua infraestrutura e matando mais de 64 mil pessoas direta e indiretamente.

3. Paulo e a carta aos Romanos: cristão-judeu-gentio

Uma das escrituras preferidas do sionismo cristão, sobretudo por ser do NT, é a *Carta aos Romanos*, direcionada às comunidades da diáspora cristã. Paulo, o apóstolo dos gentios, insistira que a igreja nunca deve se conceber desconectada de suas raízes hebreias. Curiosamente, Paulo pregava que a experiência da fé e o

⁵⁵ PAPPE, 2017.

⁵⁶ MAKDISI, 2023.

⁵⁷ MAKDISI, 2023.

sentimento de pertença ao povo de Deus, na verdade, rompiam as fronteiras da Judeia e alcançavam o mundo “gentio”. Quando membro da seita rabínica dos fariseus, Saulo foi um intolerante perseguidor até aderir à fé cristã e se tornar um de seus maiores disseminadores, inclusive gentilizando seu nome para Paulo. Sem dúvida, o ministério paulino contribuiu fortemente não só para internacionalizar a fé cristã, mas para sua sobrevivência.

Em *Romanos*,⁵⁸ comenta James Dunn, a incompreensão de Israel sobre o propósito da lei divina traz resultados deletérios; eis a razão da angústia do judeu Paulo, que vem à tona, por exemplo em Rm 9,1-3. A súplica a Deus e o próprio caráter da missão e mensagem paulinas se dirigem “primeiro ao judeu...”, já que a salvação e a plenitude de todos os povos estava no meio deles: o Cristo. O propósito final do Eterno para esse povo foi realizado, pois o evangelho da salvação foi proclamado ao mundo.

O povo hebreu tinha a vantagem histórica do conhecimento das Escrituras, mas, segundo Paulo, não soubera aproveitar essa benesse. Por meio de Cristo, a universalidade do senhorio divino é restabelecida, e sem os gentios não se pode falar de todo o povo de Deus. Rm 10,11-13 amplia a ideia de que a invocação do nome do Senhor, antes restrita aos hebreus devotos, está aberta a todo e qualquer que chama pelo santo Nome.

As pessoas cristãs, judias ou não, “se viam em continuidade com o povo de Israel – pertencendo ao povo que invoca o único Deus e o único Senhor”. Aquele mesmo Senhor

que inicialmente concedeu a graça da aliança apenas a Israel agora a estendeu para incluir a todos, e nos mesmos termos – [por] fé; o que sempre foi exigido pela lei, a fé de coração n’Aquele que fez a aliança, agora pode ser expressa novamente como fé naquele [Cristo] por meio de cuja ressurreição e exaltação Deus ampliou a mesma aliança. Em termos de precedência histórica, Israel ainda se distingue. Nos termos da justiça de Deus, agora aberta a todos, não há diferença entre judeu e grego. [...] Dito de forma mais simples, ele [Paulo] enfatiza a completa continuidade entre o propósito de Deus por meio de sua aliança com Israel e o clímax desse propósito em Cristo. O remanescente de Judá, que segundo Joel será salvo (cf. 9,27-29), é [...] identificado com aqueles que invocam o nome do Senhor Jesus.⁵⁹

⁵⁸ DUNN, J.D.G. *Romans 9-16, Volume 38B*. Grand Rapids: Zondervan (HarperCollins Christian Publishing). E-Book (2018).

⁵⁹ DUNN, 2014.

Paulo nunca deixou de amar seu povo, sua tradição e fé. Contudo, defendeu que os privilégios de Israel enquanto nação estavam em ter recebido primeiro a revelação divina e se aperceberem antes de sua misericórdia.

Mas, como cristão, ele também está convencido de que o efeito escatológico de Cristo foi levar o propósito de Deus a uma nova e última etapa, em que o relacionamento com Deus não pode mais estar circunscrito às fronteiras nacionais e rituais, mas deve ser descrito em termos de “justiça proveniente da fé”.⁶⁰

Teologicamente falando,

Não quer dizer somente que a extensão da graça de Deus a todos tenha *extinguido* os privilégios especiais da aliança com Israel enquanto benefícios *exclusivos* dos judeus. É também informar que o Deus que se comprometeu com Israel na aliança não poderá mais ser pensado meramente ou *a priori* como o Deus de Israel. [...] É que a expansão do chamado de Deus para além de Israel como entidade nacional sempre esteve em vista. Não foi uma ideia puramente tardia, uma mudança de plano devida à intransigência de Israel. Deus premeditou tudo isso desde o princípio! A escolha de Israel por povo da aliança, como alvo de sua paciência e misericórdia, sempre teve em vista um chamado mais amplo, um intento de misericórdia estendida para muito além de Israel como tal.⁶¹

O apóstolo denuncia a interpretação equivocada da lei para considerar justos apenas quem segue as tradições e costumes judaicos. Assim, propôs remover os limites vigentes do “povo de Deus” enquanto buscava fazê-los compreender as limitações políticas enfrentadas debaixo da ocupação de Roma.

Paulo, um cristão-judeu-romano, conhecedor da Torá, dos Escritos e dos Profetas, também versado na filosofia e na retórica de seu tempo, uma vez impactado pela revelação, livrou-se da intolerância e do monopólio da fé. Jamais teve a ideia semanticamente *diabólica* de estabelecer um novo exclusivismo, mas sim de abolir toda forma de exclusão, acreditando que, em Cristo, não se tratava de meramente incluir os gentios no mundo judeu, mas de incluir toda a humanidade no mundo de Deus.

⁶⁰ DUNN, 2014.

⁶¹ DUNN, 2014, ênfases adicionadas.

4. “A terra é de *Yahweh*”: uma teologia da Terra Santa para o mundo

Está claro nas Escrituras Hebraicas que a terra de Canaã factualmente pertence a Deus. No Hexateuco a terra é invariavelmente referida como a “Terra de Canaã”. Em Js 24,8 ela é chamada de terra dos amorreus. Curiosamente, a expressão “terra de Israel” (*Eretz Yisrael*) não aparece até 1Sm 13,19. Na verdade, ela raramente consta nas Escrituras Hebraicas, apenas seis vezes ao todo. Resta evidente que a razão para isto é que a terra pertence a Deus. Deus é seu dono.⁶²

O Sionismo europeu foi promovido entre judeus e judias do mundo árabe, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, a propaganda criava um nacionalismo que impedia sua integração nas sociedades árabes. Em contrapartida, a maioria da comunidade cristã árabe apoiou os nacionalismos árabes e se solidarizou com o povo palestino.⁶³

Após 1948, centenas de milhares de judeus árabes migraram para a Palestina, atraídos pela ideia messiânica do Estado Judeu. Contudo, a concretização da *Hatikva* (esperança) judaica é a deflagração da grande *Nakba* (tragédia) palestina, cuja população muçulmana e cristã foi desapropriada, massacrada e deslocada em massa, transformando, logo de saída, 750 mil pessoas em refugiados nos Territórios Palestinos, países vizinhos e outras partes do mundo. Para as comunidades cristãs árabes, o novo estado representava uma fonte de instabilidade política, social e econômica; uma ameaça ao mundo árabe em geral e aos cristãos em particular.

Diferindo da perspectiva popularizada na Europa, os cristãos do Oriente Médio não viram os judeus como vítimas históricas, mas como colonizadores ocupando a Palestina de forma violenta, impondo-se sobre a população, inclusive cristã.

A partir do surgimento do extremismo islâmico de 1967, contudo, algumas vozes cristãs árabes clamariam por estabelecer diálogo com os judeus na luta contra o radicalismo islamita. Da mesma forma, nos limites do desencanto judaico com o sionismo

⁶² ATEEK, N.S. *Justice and Only Justice: A Palestinian Theology of Liberation*. Maryknoll: Orbis Books, 1989. p. 105.

⁶³ NEUHAUS, D. M. “Judaism and Christianity”. In: RAHEB, M.; LAMPORT, M. A. (editors). *The Rowman & Littlefield handbook of Christianity in the Middle East*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2021. p. 125.

e com a política do Estado de Israel, houve judeus que buscaram parceiros entre árabes para lutar por justiça e paz.⁶⁴

Segmentos cristãos filossemitistas no Ocidente adotaram posturas islamofóbicas e antiárabes, afetando mesmo famílias cristãs centenárias nas terras onde Jesus viveu. O antissemitismo segue fazendo jus ao nome, pois a designação *semita* inclui o mundo árabe. O povo palestino, por consequência, parece excluído da ética cristã de “não fazer acepção de pessoas” (cf. Tg 2; At 10,34).

Naim Stifan Ateek, teólogo palestino, propôs uma teologia contextualizada e de libertação; uma leitura bíblica desvencilhada das amarras colonialistas e imperialistas, em que o amor de Deus é por toda a raça humana, até pela parte mais negligenciada. Quando criança, Ateek assistiu à expulsão de sua comunidade inteira, inclusive a igreja onde sua família era bastante participativa. Quase tudo que possuíam ficou para trás, e nunca mais puderam recuperar a vida que perderam. Beisan, região da Galileia, estava entre as muitas vilas expropriadas para dar lugar a outro país.

No final dos anos 80, plena *Intifada*, Ateek era pároco anglicano em Jerusalém e se sentiu impelido a exercitar leituras contextualizadas da Bíblia, na situação experimentada pelo povo que habita a terra onde nasceu Jesus Cristo, ainda mais diante do uso recorrente da Escritura para legitimar opressões. Era necessário (e ainda é) trazer Deus para o centro do debate, o mesmo Deus que caminha com as vítimas da injustiça, resgata-as das mãos dos opressores, promete-lhes um futuro de plena integridade e libertação, que pode começar a ser vivido e construído no caminho: ao resistir, ao proclamar a mensagem profética, ao testemunhar na prática o compromisso com o evangelho.

Da ampla reflexão que Ateek iniciou, trazemos em recorte o tema bíblico da posse da terra – uma preocupação central na Palestina. Na Bíblia Hebraica, a terra nunca foi propriedade de qualquer dos distintos povos e nações que passaram por ela. Deus lhes concede habitar nela, mas sob a condição de seguir a “justiça, e somente justiça”:

Em Lv 25,23, a reivindicação divina da terra é tão fortemente enfatizada que os próprios israelitas são considerados estrangeiros e forasteiros: “A terra não será vendida para sempre, pois a terra é minha; pois sois estrangeiros e peregrinos para mim”. Assim, a divisão da terra em diferentes lotes para as tribos de Israel, as determinações cúlticas sobre a colheita e o mandamento de que a terra deveria guardar um *Sabbath* para o

⁶⁴ NEUHAUS, 2021, p. 125.

Senhor precisam ser entendidos à luz da propriedade de Deus sobre a terra.⁶⁵

Cananeus, filisteus, fenícios ou israelitas eram mordomos da terra onde a própria divindade escolheu morar. Logo, praticar a injustiça e violar os mandamentos traria caos e trevas, tornando a criação novamente “sem forma e vazia”. Mas, pelo visto, a ordem de Deus de “não contaminar a terra em que vivem, no meio da qual eu habito” (Nm 35,34) foi desobedecida muitas vezes, como denuncia o profeta Jeremias (2,7): “você entraram na minha terra e a contaminaram e tornaram a minha herança detestável”, e em 16,18: “Eu retribuirei em dobro a sua impiedade e seu pecado, porque contaminaram a minha terra com as carcaças dos seus ídolos repugnantes e encheram a minha herança com as suas práticas detestáveis”.

A desobediência afronta a sacralidade da terra e incorre na perda inequívoca dela, podendo resultar na aniquilação do povo que a desrespeitou (Dt 4,25-26). A própria terra, quando contaminada, expulsaria os habitantes por causa de sua santidade.⁶⁶ Santidade esta que não foi conferida pela Torá, que apenas reconhece que a terra já estava sagrada antes de ser tornada Israel, desde os dias cananeus, porque *Yahweh* sempre foi seu dono e já habitava ali.

O livro de Josué (24,13) fala de um estado constituído sobre o trabalho de quem esteve lá antes: “dei a vocês uma terra que não cultivaram e cidades que vocês não construíram. Vocês moram nelas e comem de vinhas e oliveiras que não plantaram”. Josué, perante o conflito atual – e da falácia de um país desabitado onde fizeram o “deserto florescer” –, contestaria a narrativa sionista em torno de 1948.

Assim, Ateek poderá concluir que

há 3 mil anos os israelitas, no contexto próprio de sua época e da compreensão que tinham de Deus naquela fase da história, aceitaram o simples fato de que a terra era realmente dele. Prossiga-se dizendo que, resultando da evolução do conhecimento do Ser divino no AT, Deus será gradualmente percebido não só como o Deus de Israel, mas na verdade como o Deus de todo o mundo, como canta o Sl 24,1: “A terra é do Senhor e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam”.⁶⁷

⁶⁵ ATEEK, 1989, p. 105-6.

⁶⁶ ATEEK, 1989, p. 107.

⁶⁷ ATEEK, 1989, p. 107.

Essa teologia amadurecerá na literatura exílica e pós-exílica, com inequívoco deslocamento do interesse para as questões humanas, já que a terra foi criada para ser habitada e não esvaziada pelo caos (Is 45,18). O livro de Rute, a moabita, reflete a dimensão universal do judaísmo pós-exílio, onde além de Judá, outras terras são igualmente importantes.⁶⁸ Noutras palavras, começou-se a compreender que a preocupação divina alcança toda humanidade.

Hoje podemos ler os textos bíblicos e a história dos israelitas cujo Deus possuía “a terra de Canaã” e o mundo inteiro, e podemos cantar com o Sl 95,3-5, que *Yahweh* é o grande Deus e Rei acima de todos os deuses, que governa das profundezas da terra ao cume dos montes. Pertence ao divino também o mar e a terra seca, formados por suas próprias mãos. Nesse sentido,

A terra que Deus separou por um determinado momento da história para um determinado povo é agora um paradigma, um modelo da preocupação de Deus por cada povo e cada terra. Assim como Deus ordenou aos israelitas que obedecessem às leis de Deus em sua vida na terra, Deus exige o mesmo de todos os povos em suas respectivas terras.⁶⁹

O Eterno exigiu dos israelitas não contaminarem ou poluírem a terra com injustiça, para não serem expulsos por ela. Isso é extensivo aos governos e povos de todas as terras, e a preocupação de Deus por um povo alcança todas as nações. Cada uma delas pode dizer que pertence a Deus e que a justiça deve aí reinar.

Obviamente, acrescenta Ateek, a benção não exclui os judeus ou o moderno Estado de Israel, mas também não permite invocar uma promessa antiga, um conceito exclusivista de Deus para justificar o desenraizamento e expropriação de um povo inteiro nos séculos 20 e 21. Esta perspectiva nos obriga a denunciar o uso de força militar, econômica e política para perpetuar a morte e destruição em Israel, na Palestina e em qualquer outra parte.

Uma teologia da terra santa convoca a discutir *quem* Deus é e *como* Deus é. Ateek presume que Deus, em sua imutabilidade, bondade, amor, misericórdia, retidão e justiça é totalmente consistente. Inicialmente, os israelitas pensavam que Deus se confinava em suas fronteiras, que não operava fora dali. Essa visão estreita persistiu apesar dos discursos proféticos como os de Amós, para quem Deus conhecia, se importava e até nomeava as nações vizinhas: Damasco, Gaza, Tiro, Edom, Amon, Moabe, ao lado de Judá e Israel. Aparentemente, a imagem exclusivista de Deus foi finalmente superada no cativeiro babilônico, onde os judaítas precisavam acreditar que o divino preenchia toda a terra, e não só o

⁶⁸ ATEEK, 1989, p. 107-8.

⁶⁹ ATEEK, 1989, p. 108.

mapa de Judá, tampouco só o templo de Jerusalém (cf. Is 6). Aliás, os mais importantes eventos da história hebreia ocorreram fora da terra: o êxodo, a travessia do Mar Vermelho, a revelação da Torá, a celebração da aliança.

O maior profeta do judaísmo, Moisés, nunca pôs os pés na terra. O grande Talmud Babilônico foi compilado fora da terra. Entre os maiores profetas estavam aqueles como o Segundo Isaías do Exílio, que profetizou fora da terra. Jeremias terminou o seu ministério no Egito; Ezequiel finalizou o seu na Babilônia.⁷⁰

No material bíblico, a divindade se transforma entre as perspectivas plurais. Demorou centenas de anos para que o Deus de Judá deixasse de ser tribal ou provincial, para ser Deus do mundo inteiro. Levaria bastante tempo para *Yahweh* não ser mais o maior dos deuses e propriedade exclusiva de Israel ou Judá, para ser *o único* sobre todo o mundo. Esta foi a teologia que chegou ao cristianismo. Nas Escrituras Hebraicas há passagens deveras nacionalistas, mas se pode também observar a convivência de teologias universalistas, como a do Segundo Isaías e do livro de Jonas.

Novas perspectivas são necessárias, porque “a obsessão pela terra teve consequências desastrosas para os judeus em diferentes épocas da sua antiga história. Pois não é a terra que traz bênção ao povo, mas a fidelidade ao Deus da justiça, da retidão e da misericórdia”.⁷¹ Israel-Palestina, a chamada Terra Santa, foi e é palco de grandes acontecimentos, mas não é mais sagrada do que outras, pois toda a Terra está cheia da glória divina. Aliás, não foi em Canaã que Moisés teve que tirar as sandálias por estar em solo sagrado, foi no deserto, no Sinai. Teologicamente falando, portanto, conclui Ateek, nosso olhar sobre o conflito político que envolve as terras bíblicas expressa muito da forma como, em última instância, entendemos a natureza de Deus.

Considerações Finais

As problemáticas históricas, políticas, religiosas e exegéticas ventiladas, esperamos, poderá ser um ponto de partida de reflexão sobre uma dimensão do conflito contemporâneo na Palestina. Sobretudo, a dimensão teológica emerge e retroalimenta as opiniões e ações, principalmente porque, no final das contas, o território em disputa transcende as disposições geopolíticas e quer compreender, senão definir, o lugar de Deus e sua posição. As cenas de Masafer Yatta no filme *No Other Land*, ainda que sob certa perspectiva que paradoxal, expõe a colonização material da Cisjordânia, que se assenta sobre um aparato de

⁷⁰ ATEEK, 1989, p. 110.

⁷¹ ATEEK, 1989, p. 110.

violência sistêmica e no uso de textos sagrados milenares como títulos de propriedade e instrumentos de exclusão civil. Os agentes do Estado moderno de Israel executam um projeto nacionalista que instrumentaliza a tradição judaica, forjando uma identidade mítica que se pretende totalizante, mesmo em face da conjuntura histórica multirreligiosa da região.

Essa expropriação territorial e humana conta com a histórica legitimação dogmática e operacional das muitas formas de sionismo cristão. A genealogia do filossionismo ocidental pode ser traçada, com continuidades, descontinuidades, transformações e deslocamentos que perpassam o puritanismo calvinista britânico, sistematizado nas notas de Teodoro de Beza e nos tratados de Henry Finch, que precedem a expressão do nacionalismo político judaico de Theodor Herzl. Ao longo de séculos, operou-se uma redução retórica da Palestina a um cenário estéril e esvaziado, destinado a ser palco de cumprimento de profecias apocalípticas e projetos imperialistas. Essa visão foi consolidada pelo dispensacionalismo de John Nelson Darby e pelo ativismo de William Blackstone nos Estados Unidos, que serviram a interesses do expansionismo ocidental e de expiação da culpa europeia pelo antissemitismo histórico. O resultado desse processo foi a consolidação de um judeo-nacionalismo excludente que desconsidera a presença e a dignidade das populações árabes autóctones, inviabilizando esforços de coexistência na região.

Com algum otimismo, a crítica exegética das próprias escrituras bíblicas pode emergir como um imperativo de libertação teológica. O NT, inclusive pela leitura que faz o apóstolo Paulo aos Romanos, pretende desfazer o exclusivismo étnico e territorial que pressuponha um favor divino. James Dunn defenderá que a crítica paulina ao cumprimento da lei não se dirigia a um suposto legalismo moral, mas sim aos marcadores de identidade nacional e barreiras fronteiriças rituais, que segregavam o povo da aliança e impediam a universalidade do plano de salvação divino. Ao afirmar que a justiça proveniente da fé se estende a todos os povos sob os mesmos termos de igualdade jurídica e espiritual, a aliança e a promessa do Criador não podem ser confinadas às fronteiras provinciais de Judá, tampouco do reino de Israel, extinto séculos antes.

A teologia da libertação palestina, proposta por Naim Ateek, confronta sua própria experiência de desterro e de sofrimento sob a ocupação militar a partir de 1948 com a revelação profética e evangélica. Ateek resgata os princípios normativos do AT assertando que a terra de Canaã pertence a Yahweh, sendo os povos nela instalados meros peregrinos, forasteiros e mordomos temporários do divino. A posse e a permanência no solo sagrado estavam intrinsecamente condicionadas à prática efetiva da justiça e da retidão, conforme ilustrado no relato profético da vinha de Nabote contra a anexação de seu pequeno horto pelo monarca Acab. Quando a Israel de hoje e os seus apoiadores cristãos utilizam o aparato tecnológico e bélico para desabrigar, enclausurar e aniquilar a população civil local, opera-se uma grave “contaminação” ética e material da terra, que, em

termos proféticos, atrai o julgamento histórico e a perda inequívoca do direito de habitação.

As atuais circunstâncias do conflito político-religioso na Palestina demandam o restabelecimento de uma teologia que recuse cooperar com os processos colonialistas e o suprematismo étnico. Antes, a compaixão de Deus, abrangente a todos os povos, demarca imperativos éticos que exigem a restauração de quem foi vitimizado e oprimido. Como adverte Ateek, a obsessão idolátrica pela terra ultrajam o próprio Deus, pois não é o território que santifica o povo, mas a fidelidade ao Deus da justiça que confere legitimidade à habitação humana no solo. Repensar a natureza divina que se desenha, libertando-a dos grilhões da escatologia dispensacionalista e do nacionalismo armado, se impõe como um convite para restabelecer a justiça em toda a terra e para assegurar a paz e dignidade de toda gente.

Referências

- ADLER, Y. When did Jews begin calling themselves Israel? *Haaretz, Archeology*, 30/04/2025. Disponível em: <https://www.haaretz.com/archaeology/2025-04-30/ty-article/when-did-jews-begin-calling-themselves-israel/00000196-853a-d22a-a3de-b53e117d0000>. Acesso: 03/05/2025.
- ALTMAN, B. 'Antes do sionismo, a Palestina era um dos lugares mais seguros do mundo para o judeu', diz Breno Altman. [Entrevista por] Katia Marko e Ayrton Centeno. *Brasil de Fato*, 07/01/2024. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/07/antes-do-sionismo-a-palestina-era-um-dos-lugares-mais-seguros-do-mundo-para-o-judeu-diz-breno-altman>. Acesso: 19/01/2024.
- AMESTY R., J.A. El sionismo político-religioso en América Latina. *Agencia Latinoamericana de Información - ALAI*, 20/05/2021. Disponível em <https://www.alainet.org/es/articulo/212335>. Acesso: 16/01/2024.
- ATEEK, N.S. *Justice and Only Justice: A Palestinian Theology of Liberation*. Maryknoll: Orbis Books, 1989. p. 105
- CLARK, V. *Allies for Armageddon: The Rise of Christian Zionism*. New Haven; London: Yale University Press, 2007.
- COGGIOLA, O. A gênese do sionismo. *A Terra é redonda*, 01/12/2023. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/a-genese-do-sionismo/>. Acesso: 19/06/2024.
- DAVIDSON, L. "Christian Zionism as a Representation of American Manifest Destiny". *Critique: Critical Middle Eastern Studies*, 14(2), p. 157-169.
- DUNN, J.D.G. *Romans 9-16*. Volume 38B. Grand Rapids: Zondervan (HarperCollins Christian Publishing), 2018. E-book.
- GÓIS, W. Yanoun pelo EA Wallace. *EAPPI Brasil*, 8 set. 2015. Disponível em: <https://eappibrasil.wordpress.com/2015/09/08/yanoun-pelo-ea-wallace/>. Acesso em: 04/07/2026.

GOV.IL. PM Netanyahu Meets with Evangelical Community Leaders in Florida. Jerusalém: *Prime Minister's Office*, 31 dez. 2025. Disponível em: <https://www.gov.il/en/pages/event-evangelists3112525>. 20/03/2026.

ICE, T. *Sir Henry Finch: early Christian Zionist – Tom's perspectives*. [s. d]. Pre-Trib Research Center. Disponível em <https://www.pre-trib.org/pretribfiles/pdfs/Ice-SirHenryFinchEarlyChristianZionist.pdf>. Acesso: 03/05/2025

JNS. Jewish activists hold tree-planting ceremony in Southern Lebanon. Nova York: JNS, 13 fev. 2026. Disponível em: <https://www.jns.org/israel-news/jewish-activists-hold-tree-planting-ceremony-in-southern-lebanon>. Acesso: 04/07/2025.

LEWIS, D. M. *A Short History of Christian Zionism: From the Reformation to the Twenty-First Century*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2021. E-book.

MACHADO, M.D.C; MARIZ, C.L.; CARRANZA, B. "Genealogia do sionismo evangélico no Brasil". *Religião & Sociedade*, v. 42, n. 2, p. 225-248, 05/2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872022v42n2cap10>. Acesso: 19/06/2024

MAKDISI, U. O amor do Ocidente por Israel apaga a verdadeira história do Oriente Médio. *Jacobina*, 14/12/2023. Disponível em <https://jacobin.com.br/2023/12/o-amor-do-ocidente-por-israel-apaga-a-verdadeira-historia-do-oriente-medio/>. Acesso: 17/01/2024.

MARCOSSI, B.A. *Entre fantasmas, esperanças e crenças: a angústia do "sionismo de esquerda" no Brasil*. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

MCDERMOTT, G.R. "What is the New Christian Zionism?" In: MCDERMOTT, G.R. *The New Christian Zionism: Fresh Perspectives on Israel and the Land*. Downers Grove: InterVarsity Press/IVP Academic, 2016. e-Book Edition.

NEUHAUS, D. M. "Judaism and Christianity". In: RAHEB, M.; LAMPORT, M. A. (editors). *The Rowman & Littlefield handbook of Christianity in the Middle East*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2021. p. 116-126.

NEWBERG, E. "Donald M. Lewis. A Short History of Christian Zionism" [Review]. *Studies in Christian-Jewish Relations*, [s. l.], v. 17, n. 1, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.6017/scjr.v17i1.15105>. Acesso: 15/01/2024.

OZ, A. *Antes de Israel, pairava uma nuvem de dor e insegurança*. [Entrevista concedida a] Sarah Judith Hofmann. Deutsche Welle (DW), 19/04/2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/antes-de-israel-pairava-uma-nuvem-de-dor-e-inseguranca/a-43443177>. Acesso: 18/02/2025.

PAPPE, I. *Dez mitos sobre Israel*. Trad. Bruno Cobalchini Matos. Rio de Janeiro: Editora Tabla, 2017. e-Book Edition.

PITRE, B. "A resposta da perspectiva católica romana a Zetterholm". In: MCKNIGHT, Scot; OROPEZA, B. J. (org.). *Perspectivas sobre Paulo: cinco pontos de vista*. Trad. Paulo Benício. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

RAHEB, M. "Israel, Palestine and Jordan". In: RAHEB, M.; LAMPORT, M. A. (ed.). *The Rowman & Littlefield handbook of Christianity in the Middle East*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2021. p. 498-510.

THE JERUSALEM POST. Right-wing activists cross into Lebanon to call to renew settlement; IDF detains suspects. Jerusalém: *The Jerusalem Post*, 13 fev. 2026. Disponível em: <https://www.jpost.com/israel-news/article-886561>. Acesso: 04/07/2026

THE MIRACULOUS return of the red heifer. *Jerusalem Channel*, 2022. Disponível em: <https://jerusalemchannel.tv/the-miraculous-return-of-the-red-heifer/>. Acesso: 04/07/2025

TURFAH, M. 'No Other Land' for Whom? Notebook, *MUBI*, 11/02/2025. Disponível em <https://mubi.com/en/notebook/posts/no-other-land-for-whom>. Acesso: 29/03/2025.

UNHRC. Israeli settlements in the Occupied Palestinian Territory, including East Jerusalem, and in the occupied Syrian Golan: report of the United Nations High Commissioner for Human Rights. Geneva: *UN*, 15 Mar. 2023. 19 p. (A/HRC/52/76). Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/4008132?v=pdf>. Acesso: 04/07/2026.

WEIL, S. *Quelques réflexions sur les origines de l'hitlérisme*. Paris: Books on Demand, 2019. e-Book Edition.

WORLD COUNCIL OF CHURCHES. *Ecumenical Accompaniment Programme in Palestine and Israel*. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/what-we-do/eappi>. Acesso: 04/07/2025.

Submetido: 19/05/2025

Aprovado: 09/07/2026